

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO: O presente ensaio foi elaborado a partir de duas pesquisas historiográficas: primeiro, a dissertação *Não se nasce homem, torna-se: a emergência das transmasculinidades e o espaço biográfico de João Walter Nery (1950-1988)*, defendida pelo autor em 2022; segundo, a tese em andamento *João Walter Nery, o transhomem pioneiro: constituições de si e transgressões de gênero no Brasil contemporâneo (1950-2018)*, ambas realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Com base nas análises, fontes e experiências desse percurso investigativo, somado a referências teóricas, metodológicas e políticas transfeministas, interseccionais, decoloniais e pós-estruturalistas, viso *fabular* com João Walter Nery sobre seu processo de escrita e constituição de si. Busco refletir sobre o espaço biográfico transgressor de Nery, narrativas transmasculinas e a articulação da fabulação crítica com o transfeminismo na produção de histórias que vão na contracorrente de uma historiografia cisnormativa. Por fim, reflito sobre o papel de Nery enquanto projeto pessoal, social e político que visava criar futuros mais dignos e, de alguma forma, também proporciona que reivindicemos nossos passados.

PALAVRAS-CHAVE: História das Relações de Gênero; História Trans; Transfeminismo; Transmasculinidades; Fabulação Crítica;

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUME: This essay is based on two historiographical research projects: first, the dissertation "One is not born a man, one becomes one: the emergence of transmasculinities and the biographical space of João Walter Nery (1950-1988)," defended by the author in 2022; second, the ongoing thesis "João Walter Nery, the pioneering trans man: constitutions of self and gender transgressions in contemporary Brazil (1950-2018)," both carried out within the scope of the Postgraduate Program in History at the Federal University of Rio Grande do Sul. Based on the analyses, sources, and experiences of this investigative journey, combined with transfeminist, intersectional, decolonial, and post-structuralist theoretical, methodological, and political references, I aim to create a narrative with João Walter Nery about his writing process and self-constitution. I seek to reflect on Nery's transgressive biographical space, transmasculine narratives, and the articulation of critical fabulation with transfeminism in the production of stories that go against the grain of cisnormative historiography. Finally, I reflect on Nery's role as a personal, social, and political project that aimed to create more dignified futures and, in some way, also allows us to reclaim our pasts.

KEY-WORDS: Gender Relations History; Trans History; Transfeminism; Transmasculinities; Critical Fabulation;

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

João Walter Nery foi um homem inquieto, curioso de si e do mundo, corajoso, persistente e com um forte senso de coletividade. Entre as características, pertencimentos e experiências que lhe formaram, ele foi designado como mulher quando nasceu, em fevereiro de 1950, na cidade do Rio de Janeiro. Desse modo, sua infância, adolescência e início da vida adulta foram atravessados pelo intenso incômodo, pelo sofrimento psíquico e pela violência estrutural de ser lido e tratado como uma menina e, posteriormente, como uma mulher. Uma mulher que ele não era. Uma mulher que ele denominou em suas autobiografias *Joana*.

Assim como Joana foi um nome escolhido para o seu *espaço biográfico* (Arfuch, 2010), João, Walter e Nery também foram. Nosso João W. Nery teve como sobrenome “Albernaz de Mello Bastos”, algo que descobri no decorrer da minha prática historiográfica antes de finalizar a minha dissertação, *Não se nasce homem, torna-se: a emergência das transmasculinidades e o espaço biográfico de João Walter Nery (1950-1988)*, no início de 2022. Ao buscar materiais que me auxiliassem a construir o Projeto de Tese e dar continuidade à pesquisa com João, encontrei a gravação de uma audiência pública da Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Congresso Nacional¹ em que Nery participou, mas com outro nome: Paulo Albernaz de Mello Bastos.

Tornou-se evidente que “João Walter Nery” foi, primeiro, um codinome, um nome clandestino. Afinal, tanto a publicação de sua primeira autobiografia, *Erro de Pessoa: João ou Joana?*, quanto seu processo de transição de gênero ocorreram em pleno período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), em 1984 e na década de 1970, respectivamente. Entretanto, o que não foi evidente de forma mais imediata, foi a escolha de seguir com este nome nas suas publicações de 2010 em diante. Aparentemente, João Walter Nery converteu-se em uma espécie de nome social para fins públicos, para atuação sociopolítica.

¹ O evento em questão foi intitulado *A cidadania da população LGBT, com foco na terceira idade e no envelhecimento: O tempo de nossas vidas* e ocorreu em 06 de junho de 2018. É possível assistí-lo através do link: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoaudiencia?id=13732>.

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A despeito de problemáticas que podemos abordar a partir da questão dos nomes², neste ensaio compartilho tal descoberta a fim de partilhar, também, de maneira mais profunda e precisa, o João que tenho conhecido através destes seis anos e meio de pesquisa³. No decorrer do texto, sigo denominando-o João, em respeito a sua escolha de fazer deste o seu nome de atuação política — atuação esta que foi crucial para criar fissuras tão profundas no concreto da cisgeneridade compulsória que impulsionou a formação de uma primeira coletividade transmasculina brasileira (Tedesco, 2022).

Assim, neste ensaio, buscarei fabular com João Walter Nery, refletindo sobre a escrita transmasculina na contracorrente da história. Para tanto, iniciarei discorrendo sobre as referências teóricas, metodológicas e políticas em que me baseio. Posteriormente, elaborarei fabulações críticas por meio da supracitada autobiografia *Erro de Pessoa* e, também, de entrevistas de História Oral, fotografias e experiências de pesquisa⁴. Por fim, realizarei uma reflexão acerca das contribuições sociohistóricas de João W. Nery, considerando seu espaço biográfico biopotente e transgressor (Tedesco, 2022).

Escrita de si, fabulação do outro: o espaço biográfico como projeto de transformação social

² Há muitos leques que podemos abrir com essa informação. Primeiro, uma discussão sobre nomações, nomear a si mesmo e sobre a relação entre nome próprio e a matriz colonial de gênero (Vergueiro, 2015). Considerando a densidade dessa questão, compreendo que seria leviano tratá-la neste momento, pelos limites e limitações de tempo e espaço deste ensaio.

³ Desde a elaboração do projeto de mestrado, em meados de 2019, até esta escrita, em dezembro de 2025.

⁴ Previamente intitulada *João Walter Nery, o transhomem pioneiro: constituições de si e transgressões de gênero no Brasil contemporâneo (1950-2018)*, em minha tese tenho buscado compreender a constituição de si de João Walter Nery através do arquivo, do espaço biográfico e de seu campo de possibilidades. Para tanto, conto com a colaboração de Sheila Salewski, de Solange Bastos e outras pessoas do foro íntimo de Nery. Realizei entrevistas, por meio do método da História Oral e também tive acesso aos arquivos pessoais (com fotografias, diários, jornais, cartas etc) tanto de João quanto da família Albernaz de Mello Bastos. Por todo incentivo e generosidade, sou muito grato às pessoas que têm colaborado com essa pesquisa.

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

O método da *fabulação crítica*, cunhado por Saidiya Hartman (2020; 2022), consiste em fomentar novas maneiras de imaginar o passado, através da *contra-História*, com recursos que impulsionem as narrativas de sujeitos e grupos sociais marginalizados, inferiorizados e desumanizados. A imaginação é um recurso fundamental da fabulação crítica, pois Hartman estabelece uma articulação entre ficção na escrita da história e prática histórica, a partir do entendimento de que é necessário “ouvir o não dito” de falas impossíveis, dialogar com sujeitos silenciados e imaginar o que até então era inimaginável. É importante mencionar que tal ficcionalização não escapa aos rigores do método histórico em busca da veracidade histórica, mas ocorre por meio da especulação. Ou seja, a fabulação crítica traz à tona cenas prováveis para estimular olhares críticos e criativos em relação aos passados possíveis. Ademais, estabelece um laço estreito entre ética e estética na escrita da história.

Neste ensaio, pretendo articular a fabulação crítica com as reflexões e referenciais teórico-metodológicos que tratam das narrativas do Eu, das escritas de si e das autobiografias. Com base em Angela de Castro Gomes (2004), Leonor Arfuch (2010), Judith Butler (2021), Maria da Glória de Oliveira (2017) e Paul Ricoeur (2006), compreendo a linguagem como parte fundamental da relação entre indivíduo e sociedade, intrínseca à constituição das subjetividades, materialidades e relações sociais, fazendo com que a formação do Eu (e da ideia de Outro) passe por processos de narração de si, escuta do Outro e escuta da narração do Outro sobre si. Evidentemente, trajetórias individuais são produzidas em — e produtoras de — contextos sócio-históricos específicos. Desse modo, tais processos narrativos sofrem limitações, para além de serem atos biográficos do escopo das práticas de produção de si que consistem em sintetizações e criação de sentidos nessa constituição do Eu.

Dessa maneira, é possível perceber esse “Eu”, símbolo e significante do individualismo moderno-colonial, como um mosaico. Conjunto de fragmentos unidos por práticas contínuas de produção de si, entre as quais os relatos de si, sejam orais, sejam escritos, são imprescindíveis. Nesse “mosaico da vida”, buscamos encaixar peças variadas, entre vestígios do passado, memórias, e anseios de futuro.

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Nesse sentido, as autobiografias e o espaço biográfico — ou seja, os relatos de si publicizados para além das autobiografias, são formas de criar a si mesmo dando sentido à própria heterogeneidade, contraditoriedade e lacunas. Ainda, faz-se pertinente assinalar que esses modelos narrativos têm o Outro como horizonte de inteligibilidade, bem como podem ter o “Nós”, tecendo vínculos intersubjetivos e interdependentes entre autor-narrador-personagem e leitores/ouvintes/espectadores, pois o valor (auto)biográfico encontra-se na plausabilidade da narrativa percebida pelo Outro que lê, escuta ou assiste (Lejeune, 1994; Arfuch, 2010). Assim, autobiografias, entre outras narrativas do Eu, encontram-se no *trânsito que leva do “eu” ao “nós”, o que permite revelar o nós no eu* (Arfuch, 2010, p. 82).

A articulação entre *fabulação crítica* e narrativas de si parece um movimento historiográfico contraditório, tendo em vista que Hartman elaborou tal método a fim de contrapor o “Arquivo da Escravidão”, a falta de fontes sobre mulheres e pessoas *queer* negras que foram silenciadas pela História (em duplo sentido). Contudo, apesar da imensidão de fontes sobre a trajetória de João Walter Nery, criadas e organizadas por ele mesmo, inclusive, a história transmasculina passa pelo caminho do silenciamento e da exclusão dessa possibilidade de ser através do apagamento histórico⁵. Além disso, Nery teve seu processo de escrita atravessado por estratégias de segurança diante do regime ditatorial no Brasil (1964-1985), pela

⁵ As transmasculinidades, no Brasil, passaram a “tomar corpo” socialmente a partir da década de 2010. Porém, homens com vagina não são uma novidade do século XXI. Esse “surgimento tardio” das transmasculinidades no cenário público-político se deu devido ao entrelaçamento da cisheteronormatividade, do machismo e da transfobia estrutural e seus impactos (Freitas, 2014; Banke; Tenório, 2021; Tedesco, 2022). No que condiz à historiografia, primeiro há de se considerar o embate sobre o significado de “ser trans” — subjetividade *versus* corporeidade — tendo em vista que a cisgeneridade busca associar a transgeneridade estritamente às modificações corporais daquilo que é generificado nos corpos (hormônios, peitoral, genitália, pelos), apagando suas próprias modificações (homens cisgêneros utilizam mais testosterona sintética que homens trans, por exemplo). Desse modo, há uma crença difundida por discursos biomédicos, jurídicos, midiáticos, historiográficos, entre outros, de que a transgeneridade é um fenômeno que surgiu por volta da década de 1950 (Preciado, 2018; Aguiar, 2020). Contudo, há fontes que abordam a história de homens com vagina já no século XVIII, a exemplo de Charles Hamilton, conhecido como “o primeiro *female husband* [marido fêmea]” (Manion, 2020). Desse modo, indubitavelmente há um silenciamento historiográfico acerca das transmasculinidades na história, que corrobora, inclusive, com a falsa ideia de que não somos legítimos, de que nossas subjetividades são reflexo de distúrbios psicopatológicos e que gênero e genitália são sinônimos (Aguiar, 2020; Tedesco, 2022).

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

clandestinidade, que recrudescer a transfobia estrutural e a cisheteronormatividade. Desse modo, é necessário analisar suas narrativas a partir do entendimento de que sua escrita autobiográfica também passou por autocensura e alterações textuais que excedem a necessidade de organizar e dar sentido à própria trajetória de vida. Essas questões despertam em mim o desejo de especular acerca do seu processo de escrita para além do processo de transição⁶.

Outro conceito pertinente é o de *campo de possibilidades*, criado por Gilberto Velho (1999). Tal conceito diz respeito aos limites, probabilidades e perspectivas de uma trajetória individual e/ou de um grupo diante de um contexto sócio-histórico. O conceito busca chamar atenção para a relação sociedade-indivíduo, agências e limitações, no entendimento de que somos produtos e produtores da história. Assim sendo, nossos campos de possibilidades não são “cenários prontos”, mas indicativas de probabilidades nos contextos que habitamos e, também, são “lavrados”, “semeados” e “criados” por nós, *na medida do possível*. Para exemplificar: antes de inventarem a testosterona sintética, não era possível injetá-la. Contudo, havia a possibilidade de performar masculinidades *transgressoras* de outras maneiras (com vestimentas, por exemplo) e *transgredir* normas gera impactos de transformação social.

Nesse sentido, a emergência das transidentidades na contemporaneidade, nossa inserção nas disputas de saber-poder, através de produções de conhecimentos variados (institucionalizados ou não, acadêmicos ou não), fizeram emergir consigo novos olhares sobre o sistema gênero/sexo e desejo. No que concerne à História e à Historiografia, há mais de trinta anos, com a criação do campo de Estudos Trans⁷, as investigações sobre relações de gênero e a

⁶ Em minha dissertação de mestrado, *Não se nasce homem, torna-se: a emergência das transmasculinidades e o espaço biográfico de João Walter Nery (1950-1988)*, investiguei o espaço biográfico de Nery e o campo de possibilidades que permitiu seu autoforjar, com particular curiosidade sobre seu processo de transição em meio ao regime ditatorial e sem referências sobre homens trans. Em suma, entre minhas indagações, questionei “qual foi a referência da nossa referência?”.

⁷ O campo dos Estudos Trans iniciou nos anos 1990, através da articulação de intelectuais trans, estadunidenses e britânicos, envolvidos nos Estudos de Gênero e comprometidos em analisar e desconstruir a relação gênero-corpo binarista-generificada. Ou seja, não é um campo que volta-se para uma essencialização da transgeneridade, tampouco se restringe a esta temática, pois se trata da dimensão relacional de gênero, abarcando a construção de sistemas e/ou **c**istemas de gênero/sexo e desejo. *Transgender Studies Reader* (2006), sob organização de Susan Stryker e Stephen Whittle, foi a publicação inaugural do campo.

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

cisnormatividade no meio historiográfico vêm sendo contestadas. Atualmente, demanda muito esforço — e negação — não enxergar a relação entre a naturalização da cisgeneridade e o apagamento dos passados, memórias e histórias trans. Ou seja, para realizar uma historiografia das relações de gênero efetiva e sofisticada, é imprescindível considerar a historicização da cisgeneridade tal qual da transgeneridade. Dessa maneira, através de uma ótica decolonial e transfeminista, defendo que é necessário romper com a associação estrita (e patologizadora) da transgeneridade à determinadas modificações corporais⁸ e passar a compreendê-la com maior complexidade, desde olhares transgêneros e transgressores: a transgeneridade trata-se de um modo de subjetivação em termos de gênero na contemporaneidade, tal qual a cisgeneridade.

Nesse sentido, entendo o espaço biográfico de João W. Nery como uma produção *transgressora*, biopotente e de “política para a vida” (Chaves, 2021; Tedesco, 2022). Afinal, suas narrativas de si forjaram e forjam escopo de vida para pessoas trans, sobretudo pessoas transmasculinas. Contudo, é evidente que os campos de possibilidades são formados pelos marcadores sociais que nos atravessam, constituem e configuram as relações de poder (Velho, 1999; Collins, 2015). Logo, isso significa que é necessário compreender João W. Nery em seus atravessamentos de privilégio também: branco, de classe média, do Sudeste brasileiro. Estes marcadores, somados a uma particular trajetória familiar, propiciaram seu campo de possibilidades.

Assim, sua escrita de si permitiu a fabulação do outro - um outro Eu, um outro coletivo, uma outra sociedade. Seu espaço biográfico foi um projeto de transformação social. Seria a

⁸ Refiro-me aos corpos que são considerados “normais” (brancos, cisgêneros, heterossexuais, endossexuais, magros e sem deficiência), que servem de modelo de normalidade e saúde para quaisquer outras corporeidades; bem como pela construção sócio-histórica dessa matriz por corpos e mentes cismasculinas brancas, em sua maioria do eixo Estados Unidos-Europa. Intelectuais trans, como Letícia Nascimento (2021) e Paul Preciado (2018), criticam a associação de “ser trans” com “mudar o corpo” de forma anticisnormativa e transgressora. Nascimento, por exemplo, questiona: por quê denominamos uma cirurgia de neovulvoplastia de “redesignação sexual” e não pelo seu nome científico? Enquanto Preciado provoca: por quê a vagina, o pênis e os peitorais são generificados e erotizados e outras partes do corpo, como os braços não?

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

figura *João Walter Nery* um projeto político para as relações de gênero no Brasil? Sobre isso, agora nos resta fabular.

Acerto de pessoa com coragem em existir: uma breve fábula sobre o processo de escrita de João Walter Nery

Paulo Albernaz de Mello Bastos, mais conhecido como João Walter Nery, foi o terceiro filho (entre quatro) de uma família branca, de classe média e atrelada às tendências sócio-políticas de uma esquerda nacionalista e sindicalista brasileiras. Seu pai era o aviador e líder sindical Paulo de Mello Bastos, e sua mãe, Edelena Albernaz de Mello Bastos, era professora do primário. No círculo social mais amplo desta família estavam João Goulart, Leonel Brizola, Berta Ribeiro, Darcy Ribeiro, entre outros líderes políticos e intelectuais da época.

Como podemos vislumbrar pelas fotografias abaixo, João provinha de um núcleo familiar branco e, majoritariamente, cisfeminino. Sua família, em muitos sentidos, estava em consonância com as normas de gênero da época. Uma dissonância relevante vinha de Edelena, cujo casamento não à manteve “recatada e do lar”, a matriarca da família seguiu sua exercendo sua profissão como professora do ensino básico, primário, na mesma escola onde sua irmã também lecionava e suas filhas, seu filho e sobrinhos estudaram (Bastos, 2025a; Medeiros, 2025). Paulo, por sua vez, passava períodos consideráveis distante da família pelo seu trabalho — primeiro, como aviador na FAB (1938-1954) e, depois, na Varig (1954-1964) —, e também era envolvido com a política nacional, sob viés da esquerda trabalhista no Clube de Aeronáutica, no Clube Militar e no Sindicato Nacional dos Aeronautas (Bastos, 2003).

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Figura 01: 23 de Janeiro de 1943 - Casamento Edelena e Paulo



Figura 02: Fevereiro de 1952 - Aniversário de João W. Nery (2 anos)



Figura 03: Meados dos anos 1950 - Família Albernaz de Mello Bastos



Fonte (das três figuras acima): Acervo pessoal de João Walter Nery, sob salvaguarda de Sheila Salewski, disponibilizado em dezembro de 2024 para fins de pesquisa acadêmica.

Com a chegada da Ditadura Militar, seu pai foi exilado em Montevideu, no Uruguai, entre 1964 e 1967 (Bastos, 2003). Depois, em 1968, sua irmã mais nova, Solange Bastos (que tinha somente 12 anos quando ocorreu o golpe), entrou no Setor Operário da Var-Palmares, no qual atuou por cinco anos. Em maio de 1973, Solange foi buscar asilo no Chile, o que durou poucos meses, pois foi presa no Estádio Nacional do Chile em setembro daquele ano, após o Golpe Cívico-Militar que instaurou o regime ditatorial chileno. Em outubro de 1973, Edelena foi resgatar a filha em Santiago e conseguiu retornar ao Brasil com ela. Entretanto, por questões de segurança, Solange voltou a buscar asilo, tendo exilado-se na Argentina, em Portugal e, por fim, na França, entre 1973 e 1978, quando finalmente retornou ao Brasil (Bastos, 2025a).

. É importante destacar que a transição de gênero de João ocorreu na década de 1970, no contexto das Ditaduras de Segurança Nacional no Cone-Sul (Serra Padrós, 2009), enquanto ele e seus familiares passavam pelos acontecimentos citados acima. No período, as cirurgias

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

hoje denominadas “mamoplastia masculinizadora”, “neofaloplastia”, entre outras relacionadas à transição de gênero, eram consideradas mutilações e criminalizadas conforme o artigo 129, § 2º, do Código Penal. Os processos de hormonização e aquisição de documentação de acordo com a identidade de gênero do indivíduo também eram criminalizados de certa forma, pois havia uma perseguição às pessoas trans, que eram comumente enquadradas em artigos como “falsidade ideológica” ou “falsa identidade”. O saber-poder do período criava intensas associações entre pessoas trans e travestis à criminalidade, marginalidade, patologia e loucura (Aguiar, 2020; Tedesco, 2022).

Sendo assim, é nestes contextos macro e micro que João Walter Nery se forja, com inquietude, curiosidade, persistência e senso de coletividade, conforme mencionei no início dessa escrita. Características cultivadas em um lar no qual “a solidariedade é lei” (Bastos, 2025a). Assim, João buscou tramar uma rede intersubjetiva das transmasculinidades no Brasil, através da tal coragem inquebrantável, das suas palavras afiadas e da sua sensibilidade.

“Este livro é um grito e o dedico a todos os injustiçados (quer por motivos sociais, jurídicos, econômicos, políticos, físicos, emocionais, etc.), que lutaram ou ainda lutam por seus direitos, ‘se endurecendo, mas não perdendo a ternura jamais’.” (Nery, 1984, s/p). Assim começa *Erro de Pessoa: João ou Joana? O depoimento de um transexual brasileiro que, nascido mulher, finalmente se realizou como homem*. Essa dedicatória sempre me faz transbordar emoções.

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Figura 04: Imagem na contracapa de Erro de Pessoa



Figura 05: 1978 - João W. Nery lendo um livro em um sofá.



Fonte (figura 04): registro do livro Erro de Pessoa, acervo do autor. **Fonte** (figura 05): Acervo pessoal de João Walter Nery, sob salvaguarda de Sheila Salewski, disponibilizado em dezembro de 2024 para fins de pesquisa acadêmica.

Quando vi pela primeira vez a imagem à esquerda, na contracapa de Erro de Pessoa, meu primeiro pensamento foi: “esse não é o João”, o que me gerou estranhamento e frustração. Acontece que eu nasci nove anos depois de ter acabado, oficialmente, a ditadura militar no Brasil e, apesar de ser historiador, meu instinto é da geração *millenium*, a gente se expõe desde

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

adolescente na internet e está acostumado a ver os rostos das pessoas no que elas produzem. Depois desses milésimos de segundo de falta de noção, me dei conta de que o livro havia sido lançado em 1984, um ano antes do fim do regime ditatorial. Ainda, que a obra foi escrita nesse período. Minha estranheza passou a ser o porquê o autor se chamava “João” na primeira autobiografia tal qual a segunda (*Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*, lançada em 2011)... Não deveria ser um codinome? Na época, bati de ombros e iniciei minha leitura.

Hoje, compreendo um pouco melhor alguns dos fatores que levaram João a permanecer “flertando” com a clandestinidade, como seguir utilizando o nome “João Walter Nery” tantos anos depois do fim da ditadura. Com intuito de preservar a si, seus familiares e suas relações afetivas, João optou por tornar seu codinome um nome de uso público. Ao meu ver, essa escolha decorre da transfobia estrutural, da preservação de sua vida privada, tendo em vista que o Brasil é considerado o país que mais mata pessoas trans no mundo há 14 anos⁹. Ao mesmo tempo, parece-me um reflexo dos impactos da ditadura na família, considerando o nome clandestino uma tática fundamental da resistência às opressões ditatoriais.

A fotografia à direita, por sua vez, tive acesso na primeira vez em que visitei a museóloga Sheila Salewski, em dezembro de 2024, na casa onde ela vive e com a qual compartilhou com João, pois, entre suas características e pertencimentos, foi companheira dele em seus últimos 22 anos de vida, de 1996 à 2018 (Salewski, 2019; 2024). É um verdadeiro acervo que Sheila salvaguarda, com fotografias, brinquedos, diários, prêmios, jornais, roupas e, até mesmo, quadros criados por João — o que ressalta o trabalho intenso de *arquivamento*

⁹ Dado que resulta de pesquisas promovidas pela organização *Transgender Europe*. A entidade realiza mapeamentos de assassinatos cometidos contra pessoas trans desde 2008, monitorando 82 países de todos os continentes. Essa perversa realidade faz com que a expectativa de vida de pessoas transgênero no Brasil não passe dos 35 anos (Benevides, 2025). Veja mais em: <<https://transrespect.org/es/map/trans-murder-monitoring/>>. Último acesso em: 01/06/2023.

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

*de si*¹⁰ engendrado pelo *transhomem pioneiro* junto à sua companheira, entre outras pessoas do seu íntimo, como Solange, que o auxiliaram neste projeto.

Esta fotografia em si foi registrada em 1978 (de acordo com a anotação em seu verso). Conforme é possível ver, João encontra-se sentado em um sofá, em um ambiente que aparenta ser uma sala de estar (com quadros pendurados na parede, vaso de planta, entre outros artigos decorativos), atento à leitura de um livro cujo título escapa ao foco da câmera. Seu semblante é sereno e a sua vestimenta, para além de ser socialmente considerada masculina (calça, cinto e camisa), sugere algo visceral em suas narrativas: o peitoral aparente.

Em seu espaço biográfico, João afirma ter realizado as últimas cirurgias de afirmação de gênero em 1977 e escrito *Erro de Pessoa* durante sua recuperação. Isso significa que, enquanto a imagem à esquerda é o retrato publicizado pela obra, a fotografia à direita é o retrato de seu autor no período em que a produzia — e era produzido por ela.

Ao observar essas imagens, podemos questionar sobre seu cotidiano, seus processos, sua rotina, suas decisões, seus sentimentos e, particularmente, o que desperta a curiosidade. É que, para mim, foram duas semanas sem mexer os braços após a mastectomia e, por um bom tempo depois, senti algumas dores no peitoral e nos ombros. Por isso, imagino João digitando cautelosamente na sua máquina de escrever, com cuidado para não se machucar e, também, para não ferir ninguém com suas palavras — seu pai e Solange já haviam sido exilados.

Vislumbrem comigo, João com semblante sério, concentrado, seus olhos castanhos compenetrados no teclado da máquina de escrever. Máquina que não tem atalho para apagar os erros de digitação. Não existia “ctrl z” em 1977. Não por acaso, João deveria ficar um tanto quanto sisudo escrevendo. Voltando atrás, elaborando rabiscos, amassando folhas e criando uma pequena pilha de bolas de papel na lixeira ao lado da escrivaninha.

¹⁰ Apesar de não abordar essa temática em especial neste ensaio, é importante ressaltar que compreendo tal processo com base em autorias como Philippe Artières, cuja obra trata sobre arquivos pessoais e autoarquivamento, e Ann Cvetkovich e Sam Bourcier, que buscam refletir sobre a relação entre arquivos e os estudos de gênero, sobretudo *queer* e/ou trans.

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

O cigarro, que lhe acompanhou quase uma vida inteira, possivelmente deixava a casa coberta com uma neblina, deixando-a com um odor intenso de tabaco. Lembremos, era comum fumar dentro dos ambientes no milênio passado. Aliás, fumar era um hábito tão comum que até cigarros de chocolate para crianças eram vendidos.

Sendo assim, na minha cena, João fumava e andava pela casa. Perambulava observando o chão de taco e os próprios pés para lá e para cá. Respirava fundo, levava a mão à boca, tragava o cigarro e sentia a nicotina percorrer seu corpo enquanto assistia a fumaça sair das narinas e dançar pelo ar. Em seus pensamentos, vasculhava nos escombros da memória as lembranças de infância e adolescência. Será que ele tinha dificuldade de rememorar? Será que as cenas vinham fácil à mente dele? Será que a sua própria narrativa sobre si mudou ao percorrer esse processo de investigação de si? Será que ele passou por um processo minucioso ou foi mais fluido, mais espontâneo?

João andava, sentava no sofá, acariciava seu gato¹¹ e refletia, possivelmente sobre como sintetizar lembranças, quais seriam os nomes das suas irmãs, qual seria a ordem do livro. Seria ele cronológico? Seria por temáticas? O quanto de si gostaria de compartilhar? Será que omitiria alguns fatos? Será que inventaria outros? Conhecendo o senso de humor de João, consigo facilmente assistir ele afirmar “inventar não... Embelezar a realidade”. É que ele, além de tudo, foi um homem debochado.

Provavelmente, seu processo de escrita foi recheado de alívios, tanto no corpo quanto na mente. Alívio da libertação de si, ao finalmente enxergar-se no espelho e habitar um corpo que considera adequado para si. O alívio de conseguir compartilhar-se com o mundo e dar significado, significância e sentido ao seu percurso biográfico, através da própria voz, indo na contracorrente dos discursos da cisheteronormatividade.

¹¹ Desde criança, João tinha afeição por gatos. Isso torna essa especulação um tanto quanto palpável. De acordo com Sheila, Fred, seu gato, foi levado de surpresa para casa por João, que o resgatou na rua. Há uma quantidade significativa de fotografias de João com gatos, também (Salewski, 2024).

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Provavelmente, seu processo de escrita foi recheado de desconfortos, tanto no corpo quanto na mente. O desconforto em lidar com feridas e cicatrizes em seu corpo, durante o processo de cura após uma cirurgia bastante agressiva. O desconforto em lidar com as feridas e cicatrizes que marcaram sua subjetividade, ao lidar com memórias angustiantes, revisitar passados dolorosos e encontrar-se para diálogos intensos com versões de si que tanto lutou para metamorfosear.

Por isso vislumbro um João repartido entre a aflição e a euforia durante seu processo de escrita. O que consigo imaginar de mais estável nessa fase de sua vida é a tal da coragem inquebrantável. Um João que ergue a cabeça, respira fundo e “segue o baile”.

Entre os conflitos que devem ter assombrado João nesse período de escrita — quanto tempo será que ele demorou para escrever? Um mês? Dois? Três? Mais? Menos? Quantas estações será que acompanharam João? Enfim, entre os conflitos que devem ter assombrado João nesse meio tempo, certamente estava a privacidade e segurança de sua família. Seu pai, o supracitado comandante Mello Bastos, aviador e líder sindical, estava embrenhado na política nacional a ponto de ter sido o responsável por transportar João Goulart de volta para o Brasil durante a campanha da legalidade em 1961 (Bastos, 2003; Lima, 2020). Em 1964, além de sofrer com o exílio, teve seus direitos políticos cassados pelo AI-1, foi demitido da Varig, da FAB e foi declarado morto.

Paulo retornou ao Brasil em 1967, sem poder exercer sua profissão e com os direitos políticos cassados, ainda. Na época de seu exílio, João tinha apenas 14 anos. Sua relação com seu pai era de muita admiração, carinho e proximidade¹² e todo esse transtorno abalou sua família, mas não a ponto de descartarem os princípios democráticos, de esquerda e a luta. Assim, seu pai passou a década de 1970 dedicando-se a denunciar a ditadura no Brasil para mídia e autoridades internacionais, enquanto sua irmã mais nova, Solange Bastos, também passou a envolver-se com mobilizações políticas, conforme mencionado anteriormente.

¹² O que relatou tanto em Erro de Pessoa quanto em Viagem Solitária.

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Logo, não é difícil imaginar sua aflição ao escrever e ao cogitar publicar sua autobiografia. Quais seriam as possíveis consequências dessa obra? Como ele poderia se perdoar se suas palavras se tornassem responsáveis por mais tragédias familiares? Era necessário ter coragem, sim. Mas também era necessário ter cautela.

Além disso, ter crescido nesse núcleo familiar possivelmente o influenciou a criar sua “coragem inquebrantável”, a formar valores democráticos, a desejar justiça e equidade social e a lutar pelo que acha certo. Penso que isso fazia o sangue de João correr mais rápido e o coração acelerar, assim como seu desejo de se vivenciar.

Ainda, João, antes de ter nome, corpo e reflexo para si, graduou-se e iniciou mestrado em Psicologia, foi professor universitário e psicólogo clínico. Portanto, sua escrita também foi influenciada por um olhar acadêmico e crítico sobre o mundo e, seus pertencimentos de classe e raça lhe proporcionaram a possibilidade de visitar Solange em Paris — algo que podemos apenas presumir¹³, mas faria sentido João ir à Paris e não visitar a irmã?. Enfim, suas *metamorfozes*, relatadas em Erro de Pessoa, não teriam ocorrido se não tivesse realizado essa viagem e se deparado com uma revista científica que lhe chamou atenção em uma livraria. Em suas palavras,

Saindo de Montmartre, depois de perambular por entre artistas e cabarés, peguei o metrô para o Quartier Latin. Entrando numa de suas inúmeras livrarias, comecei a folhear algumas publicações que me interessavam. Não podia prever, em hipótese alguma, que ali mesmo descobriria o que procurava há tantos anos: a saída do labirinto. Como vendedor algum me incomodasse, senti-me à vontade para folhear com calma uma gama de livros e livretos, até minha mão alcançar uma revista científica. Trazia como subtítulo a palavra *Sexualité*. Dei, então, uma olhadela no índice. Precisamente no capítulo cinco, havia uma reportagem onde um médico falava sobre cirurgias transgenitais feitas em alguns países com grande sucesso. Referia-se, apenas, a transexuais masculinos, por serem os casos mais comuns e mais fáceis de resolver. Citava os Estados Unidos como um dos países precursores e mais desenvolvidos no assunto. Comprei imediatamente a revista e saí lendo-a pela calçada. Meu coração dava pulos. Resolvi sentar-me num café para digeri-la em todos os detalhes. Meus olhos mal acreditavam no que estavam lendo. Parecia um sonho... (NERY, 1984, p. 121)

¹³ Algo que eu tinha como hipótese e que, em entrevista, escapa à memória de Solange com exatidão, mantendo-se em um lugar de probabilidade (Bastos, 2025b).

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Apesar de não compartilhar em nenhuma autobiografia, é possível imaginar João correndo para os braços da irmã com lágrimas transbordando dos olhos, recebendo um abraço acolhedor, aliviado ao se descobrir um sujeito possível de existir, inclusive em carne e osso, da maneira que desejava¹⁴. Também é possível imaginá-lo emocionado, circulando por Paris em busca de conter as lágrimas e o coração em *frenesi*, a fim de reencontrar a irmã com os sentimentos devidamente contidos para obter tempo de refletir se, quando e como compartilhar seu sonho de existir com ela.

Há cenários possíveis para o João de 25 anos na cidade das luzes, assim como há cenários possíveis para João aos 27 rememorando o momento em que avistou a luz do outro lado do rio. O cenário que lhes convidei a projetar comigo agora é de um João emotivo, pois ser corajoso também é abraçar e bancar as próprias vulnerabilidades — e o que João compartilhou conosco em sua vida me leva a percebê-lo como um homem em conexão com seus sentimentos. Assim, consigo enxergá-lo repentinamente olhando para as próprias mãos ao teclar em sua máquina, pois as lágrimas transbordaram de seus olhos, escorreram pelo rosto e respingaram nas letras abaixo. Lágrimas de alívio, felicidade e esperança.

Esperança, inclusive, foi uma emoção mobilizadora de sua escrita, já percebemos em sua dedicatória. João era um homem determinado e, assim como foi perseverante na sua *poiesis de si*, desejava encontrar outros como ele e tornar o caminho mais brando para os que viriam depois, como eu e tantas outras pessoas transmasculinas por aí.

Desse modo, especulo que a solidão, proporcionada pela falta de referências e de contato com outros homens trans e transmasculines, deve ter sido mais um gerador de aflição nesse percurso de encontro consigo, produção de si e escrita. As autobiografias *Emergence*, de Mario Martino, e *A Queda para o Alto*, de Anderson Herzer, foram publicadas em 1977 e 1982, respectivamente. É um tanto quanto irônico que, no mesmo período no qual João estava

¹⁴ É importante ressaltar que, aqui, falo estritamente do desejo de João W. Nery sobre sua corporeidade. Não é meu intento corroborar com a falácia de que há “uma maneira correta” ou “verdadeira” de ser trans, muito menos associar as transidentidades estritamente às tecnologias de afirmação de gênero biomédicas e farmacopornográficas.

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

escrevendo, em outro país (Estados Unidos), estivesse sendo lançada *Emergence*; e que cinco anos depois do início da sua escrita, tenha sido lançado o livro de Herzer — primeira autobiografia de uma pessoa transmasculina a ser publicada no Brasil.

Tudo indica, também, que João não teve acesso a notícias sobre outros homens trans, algo que poderia ter acontecido naquele contexto, tendo em vista que não era tão incomum os jornais publicarem matérias narrando o escândalo sobre “uma mulher que vivia como se fosse homem” (Galuppo, 2019; Tedesco, 2022). Eu mesmo, da década de 1990 até meados dos anos 2010, não fazia a menor ideia de que a minha identidade de gênero era legítima, questionava minha sanidade mental com frequência e achava que precisava me reprimir se quisesse continuar vivendo. Por isso vislumbro um João aflito, convivendo com um sentimento sufocante de solidão, angustiado até as entranhas e, ao mesmo tempo, alimentando esperança e coragem fortemente mobilizadoras.

Dessa maneira, nesta fabulação, seus passeios pela casa continham, também, determinação. As voltas ao redor de si, figurativas e literais, continham uma vontade potente de transformação social. Por isso vislumbro ele respirando fundo, tragando seu cigarro, encarando as dores, emoções e inebriado pela capacidade de imaginar um mundo diferente. Consigo enxergar ele criando toda uma estrutura para Erro de Pessoa em uma caderneta, cheia de rabiscos e marcas de borracha e, dias depois escrever e modificar essa estrutura por conta de um *insight* repentino.

A fotografia à direita ressalta tranquilidade, transborda o desejo em se vivenciar, em aproveitar a própria companhia. Assim, é fácil imaginar ele concentrado e, depois, animado com as possibilidades que se encontra na escrita e na leitura: vinculações, sensibilizações e transformações subjetivas, históricas e sociais.

Os processos de escrita costumam ser bagunçados e nos bagunçar ao longo do caminho. Não à toa vejo um João que fica horas travado olhando para páginas em branco, lendo e relendo o que já foi escrito, sem produzir nada. Mas, também vejo um João que sai do banho, se seca às pressas e corre para a máquina de escrever. Porém, sobretudo vejo um João persistente em

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

seu processo, um João que examina seus brinquedos de infância, por exemplo, e a partir disso escolhe algumas histórias para compartilhar e provar ao mundo que sempre foi João, apesar de não terem permitido vivenciar a si mesmo como o menino que era.

Reimaginando o passado, criando escopo para futuros mais dignos

Sete anos depois de iniciar sua escrita autobiográfica, João finalmente lançou *Erro de Pessoa: Joana ou João? O depoimento de um transexual brasileiro que, nascido mulher, finalmente se realizou como homem*. O livro, com 250 páginas, ganhou uma apresentação de Antônio Houaiss¹⁵ e foi publicado pela editora Record, do Rio de Janeiro. Ou seja, apesar dos anos engavetada, a obra foi ao público com certa notoriedade, tomando o seguinte formato:

TABELA - APRESENTAÇÃO DO SUMÁRIO DO LIVRO ERRO DE PESSOA

| PARTE I - 102p. | PARTE II - 69p. | PARTE III - 57p. |
|--|---|--|
| I - Uma experiência nova - p. 13 | I - A primeira grande descoberta - p. 119 | I - O começo da metamorfose - p. 193 |
| II - A "minha" casa - p. 20 | II - Amanda - p. 123 | II - A prova dos nove - p. 201 |
| III - A grande solução - p. 27 | III - Por onde começar? - p. 128 | III - Lutando sozinho - p. 213 |
| IV - Anseios de "amorescência" - p. 32 | IV - O clã se desfez - p. 133 | IV - A segunda metamorfose - p. 217 |
| V - O crescimento não-grato do meu corpo - p. 36 | V - O começo da batalha - p. 138 | V - Os efeitos da segunda cirurgia - p. 222 |
| VI - A tentativa de ser mulher - p. 44 | VI - A segunda grande descoberta - p. 143 | VI - O transexual: um brinquedo da sociedade? - p. 227 |
| VII - Mudanças sem nome - p. 54 | VII - A inesperada visita - p. 152 | VII - O caminho para a terceira metamorfose - p. 230 |
| VIII - Dolores - p. 59 | VIII - Retribuindo a ajuda - p. 157 | VIII - Os impactos do renascimento - p. 234 |
| IX - Mercedes - p. 65 | IX - Mais um obstáculo - p. 174 | IX - O encontro com meu pai - p. 240 |
| X - O cego que me fez ver - p. 89 | X - A saída do labirinto - p. 179 | X - De volta às origens - p. 244 |
| XI - O mundo dentro de quatro portas - p. 97 | XI - A hora das decisões - p. 183 | XI - Um ano depois - p. 249 |
| XII - Vivendo duas vidas - p. 107 | | |

Legenda: tabela realizada pelo autor.

¹⁵ Antônio Houaiss (1915-1999), ex-ministro da Cultura, foi crítico literário, tradutor, diplomata e enciclopedista. Conheceu a obra de Nery através do vínculo de ambos com Darcy Ribeiro (1922-1997), ex-ministro da Educação, antropólogo, historiador, sociólogo, escritor e político brasileiro. O vínculo de Nery com Ribeiro, por sua vez, se deu no Uruguai, pois foi vizinho e amigo de seu pai durante o exílio (Nery, 1984).

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

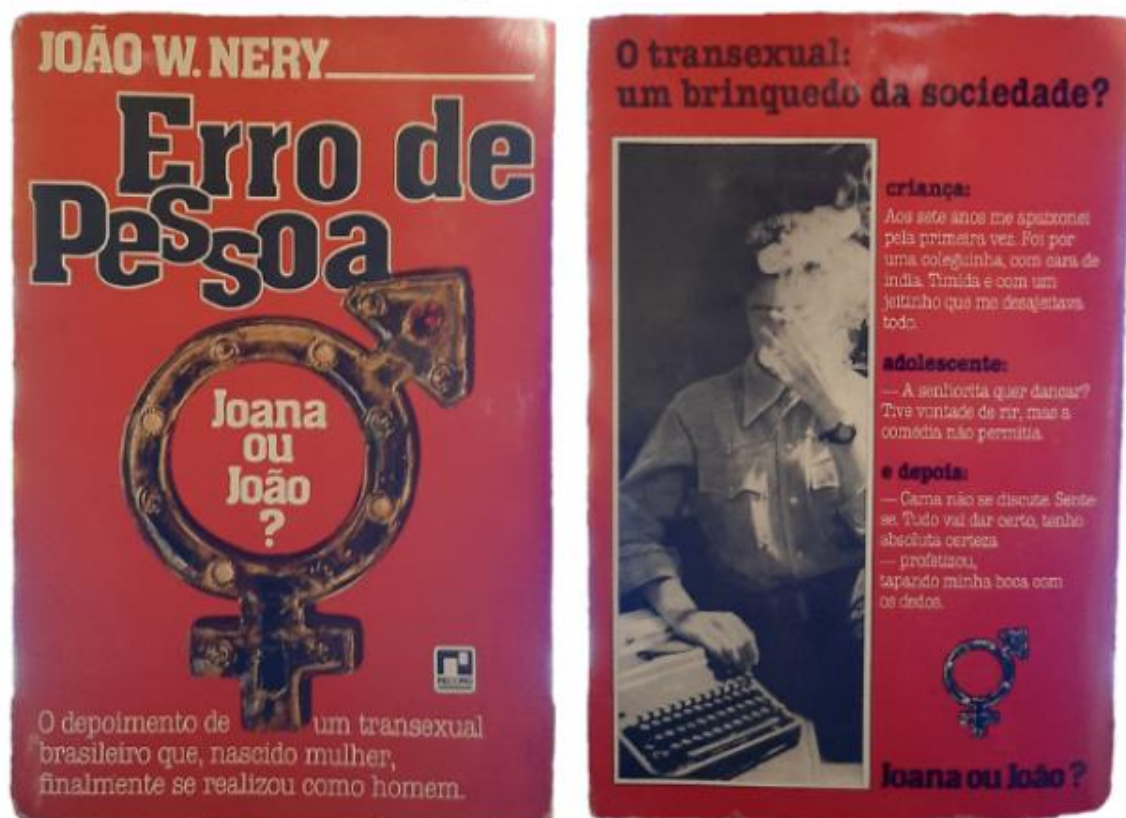
CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Figura 06: Imagem que compila os registros fotográficos da capa e da contracapa do livro *Erro de Pessoa* (Record, 1984), de autoria de João Walter Nery.



Fonte: elaborada pelo autor.

Como é possível perceber, a obra é dividida entre: 1) infância, adolescência e juventude antes da descoberta do conceito de *transsexualismo*; 2) o momento entre a tomada de conhecimento do conceito e seus movimentos em busca das mudanças após esse contato; 3) por fim, sua trajetória no que condiz a “tornar-se” homem através de modificações corporais (Nery, 1984). Essa divisão diz muito do que João gostaria de compartilhar, pois buscou condensar infância, adolescência, juventude e vida adulta pincelando quadros narrativos de cada trecho de sua vida, a fim de nos aproximar do como se tornou o homem que sempre desejou ser — e que já era, independente da cisgeneridade compulsória.

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Há inúmeras questões que poderia trazer aqui, análises e reflexões que já foram elaboradas em minha dissertação de mestrado acerca dos conteúdos desse livro, inclusive os paratextuais presentes na capa e na contracapa. Todavia, limito-me a retornar à dedicatória, “Este livro é um grito e o dedico a todos os injustiçados [...] que lutaram ou ainda lutam por seus direitos, ‘se endurecendo, mas não perdendo a ternura jamais’” (Nery, 1984, p. 5), somada à nota do autor (abaixo), a fim de finalizar essa reflexão acerca de seu processo de escrita.

Escrevi este livro enquanto me recuperava das cirurgias e não podia trabalhar, **por não ter mais direito aos documentos civis e curriculares**. Meu **objetivo**, antes de qualquer pretensão literária, foi o de **documentar as sensações que fui tendo das vivências ambíguas no transcurso da minha vida — o de ter nascido homem, aprisionado num corpo de mulher**. Sei não ser o único, mas um dos poucos que, além de viver este dilema dual, pode ter condições não só de expressá-lo no papel, através de um total desnudamento diante dos leitores, como também de **denunciar a hipocrisia e ignorância sociais diante de um problema sério, profundo, e até agora, unicamente humano**. **Esta não é propriamente a história da minha vida, mas da minha sexualidade**. Alguns fatos — que talvez façam falta — foram esquecidos; outros, omitidos pelo meu “**filtro**” de interesse, e outros ainda, modificados, para não comprometer ninguém. Em meados de 1984, o Presidente não sancionou a lei (aprovada na Câmara e no Senado), que permitiria as cirurgias transgenitais. Atualmente, apenas uma dúzia de países, entre os mais desenvolvidos, aprovam estas operações, respeitando o transexual e reconhecendo a sua conseqüente mudança de identidade sexo-social. Em decorrência, usei pseudônimo para assinar a obra, assim como os nomes e alguns dados dos personagens são fictícios. [...] Até agora, não tive a oportunidade de conhecer nenhum **transexual feminino** com quem pudesse conversar, trocando informações a nível experiencial. (Nery, 1984, p. 7, grifos meus)

Nos dois excertos acima Nery evidencia que faz escolhas na elaboração de sua narrativa, como omissões, a criação de elementos fictícios e o foco em abordar sua “sexualidade” — aqui entendida como sua identidade de gênero. Dessa maneira, se faz pertinente evocar o conceito de pacto autobiográfico de Lejeune (1994), pois há o signo de veracidade relacionado a um contrato estabelecido por Nery com seus e suas leitores(as) em sua primeira autobiografia que, ao invés de afirmar “revelar uma verdade sobre si”, admite a ficcionalidade na elaboração de suas narrativas e as limitações de seu relato de si (Lejeune, 1994; Arfuch, 2010; Butler, 2021).

Além disso, o autor expõe com veemência a intencionalidade do seu espaço biográfico e seu discernimento acerca do contexto sócio-histórico e político que o impulsiona a fazê-lo, admitindo o caráter transgressor e militante de sua escrita. Assim, Nery já demonstra que faz

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

da obra um projeto biopotente de tecitura de um campo de possibilidades nos quais as vidas trans sejam vivíveis.

Aliás, levando em conta seu intento em autoarquivar-se e a característica de elaborar a si mesmo através da escrita — algo presente desde a infância, de acordo com Solange (Bastos, 2025b), podemos considerar o próprio João Walter Nery como parte de um projeto pessoal e sociopolítico (já nos ensinaram as feministas, o pessoal é político, não é mesmo) de transformação das relações de gênero. Evidentemente, seu espaço biográfico e suas personas (pública e privada) foram forjadas em um campo de possibilidades particularmente fértil, tanto pelos seus privilégios de classe, raça e origem, quanto pelos vínculos que a atuação política familiar lhe proporcionou, no que concerne aos intelectuais mencionados e, também, no que condiz ao próprio seio familiar. Afinal, sua família o acolheu e lhe proporcionou suporte durante toda a vida, sob “a lei da solidariedade” (Bastos, 2025a).

Entendo que a biopotencialidade do espaço biográfico de João encontra-se além da incidência na formação de uma trama de intersubjetividades transmasculinas no Brasil. Pois, através da fabulação crítica, João, com sua abundância de registros e narrativas de si, viabiliza com que fabulemos sobre outros homens trans, sobre outras pessoas transmasculinas que foram suas contemporâneas e que, em certa medida, compartilharam com ele um campo de possibilidades.

É na intimidade, na criatividade e na sensibilidade proporcionadas por uma fabulação crítica transfeminista que podemos, na historiografia, deslocarmo-nos dos lugares de cobaias, objetos, abjeções, monstros ininteligíveis. Uma estética-ética transfeminista e *fabulamente crítica* pode nos inscrever na história como autorias do próprio passado, como investigadores e co-criadores de nossas próprias transcestralidades.

Assim, através da fabulação crítica e do espaço biográfico transgressor e biopotente de João Walter Nery, encontramos a *biopotência* da escrita transmasculina na contracorrente da história. História essa em que sequer temos o direito de existir — mas existimos, a despeito do que qualquer saber acadêmico ciscolonial (Vergueiro, 2015).

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Para isso, tecer uma história das transmasculinidades no Brasil que seja combativa aos silêncios e silenciamentos, na qual as nossas vozes sejam ouvidas e nossas palavras ecoem, é imprescindível. Por isso, também agradeço a mais uma colaboração de João, cujo projeto voltado para um futuro mais digno, justo e equânime, transmutou-se à possibilidade de reivindicarmos nosso direito ao passado.

FONTES

BASTOS, Paulo de Mello. **Salvo Conduto: um vôo na história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Família Bastos Editora. 2003. 212p.

BASTOS, Solange. Entrevista cedida à Caio de Souza Tedesco. [Através da plataforma *Google Meet*]. 2025a.

BASTOS, Solange. Entrevista cedida à Caio de Souza Tedesco. Teresópolis, Rio de Janeiro. 2025b.

MEDEIROS, Sandra Albernaz. Entrevista cedida à Caio de Souza Tedesco. [Através da plataforma *Google Meet*]. 2025.

NERY, João W. **Erro de pessoa**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

SALEWSKI, Sheila Campos. **Museóloga relata paixão pelo primeiro homem trans a ser operado no Brasil**. Depoimento cedido à Marcia Disitzer. 23 nov. 2019. In: Ela/O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/museologa-relata-paixao-pelo-primeiro-homem-trans-ser-operado-no-brasil-24092495>. Acesso em 01 dez. 2025.

SALEWSKI, Sheila Campos. Entrevista cedida à Caio de Souza Tedesco. Niterói, Rio de Janeiro. Dez. 2024.

TAVARES, Ana Helena. **“Em 64, acabou tudo”, diz ex-piloto de Jango – Especial para o QTMD?**. In: Quem tem medo da democracia?. Texto digital. Abril de 2012. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20120626211716/http://quemtemmedodademocracia.com:80/2012/04/23/em-64-acabou-tudo-diz-ex-piloto-de-jango-especial-para-o-qtmd/>>. Último acesso em: 01/06/2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

AGUIAR, Juno Nedel Mendes de. **Habitando as margens**: a patologização das identidades trans e seus efeitos no Brasil a partir do caso Mário da Silva (1949-1959). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 2010.

BANKE, Luck Yemonja; TENÓRIO, Leonardo Farias Pessoa. **Transmasculinidades no Brasil**: memórias de um movimento da invisibilidade à luta. In: PFEIL, Bruno; LEMOS, Kaio (Orgs). A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil: das invisibilidades às demandas. Rio de Janeiro: Instituto Internacional sobre Raça, Igualdade e Direitos Humanos; Revista Estudos Transviades, 2021. p. 19-35.

BENEVIDES, Bruna G. Dossiê Assassinato contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2024. Brasília: Associação Nacional de Travestis e Transexuais. 2025. Disponível em: <https://antrabrazil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf>. Acesso em 01 dez. 2025.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica. 2021.

CHAVES, Leocádia Aparecida. **A escrita autobiográfica trans como estratégia de resistência e organização: vaga-lumes na escuridão de nosso tempo**. Tese (Doutorado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília. Brasília: UNB. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Em direção a uma nova visão**: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (Org.). Reflexões e práticas de transformação feminista. (Coleção Cadernos Sempre Viva. Série Economia e Feminismo, 4). São Paulo: SOF, 2015, p. 13-42.

FREITAS, Rafaela Vasconcelos. **Homens com T maiúsculo**. Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2014.

GALUPPO, Adriana. **Cidade queer**: uma autobiografia plural. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. 147p.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**: a título de prólogo. In: Escrita de si, escrita da história. RJ: FGV, 2004.

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

HARTMAN, Saidiya. **Vênus em dois atos**. Tradução: Fernanda Silva e Sousa, Marcelo R. S. Ribeiro. In: Revista ECO-Pós. Rio de Janeiro: PPGCOM/UFRJ. 2020

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

LEJEUNE, Philippe. **El pacto autobiográfico**. In: _____. El pacto autobiográfico y otros estudios. Madrid: Megazul-Endymion. 1994. p. 49-89.

LIMA, Luiz Octávio de. **Os anos de chumbo**. São Paulo: Editora Planeta. 2020. 432p.

MANION, Jen. **Female Husbands**: a trans history. Cambridge: Cambridge University Press. 2020. 355p.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Quem tem medo da ilusão biográfica?** Indivíduo, tempo e histórias de vida. In: Topoi. v. 18, n. 35. Rio de Janeiro: UFRJ. maio-ago 2017. p. 429-446

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições. 2018.

RICOEUR, Paul. **La vida**: un relato en busca de narrador. In: ÁGORA — Papeles de Filosofía. vol. 25, n. 2. Santiago de Compostela: USC. 2006. p. 9-22

SERRA PADRÓS, Enrique. **História do tempo presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos**. Revista Tempo e Argumento, vol. 1, n. 1. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina. jan. a jun. 2009. p. 30-45.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2015. 244p.

TEDESCO, Caio de Souza. **Não se nasce homem, torna-se**: a emergência das transmasculinidades e o espaço biográfico de João Walter Nery (1950-1988). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.

Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/277639>. Acesso em 01 dez. 2025.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1999

Fabulando com João Walter Nery: a escrita transmasculina na contracorrente da história

CAIO DE SOUZA TEDESCO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 17 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de janeiro de 2026